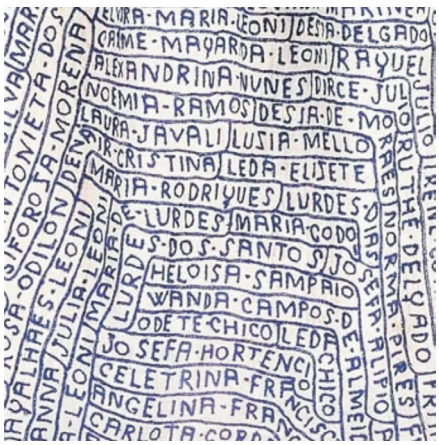
O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Fabiana Souto Lima Vidal
José Ricardo Carvalho
Rossano Silva

Para iniciar essa seção, algumas provocações: quando falamos em Artes Visuais, o que lhes vêm à cabeça? Que imagens da Arte entram nas nossas salas de aulas?

Agora, vejamos as imagens abaixo e marque o que para você pode representar Artes Visuais:

1.



Arquivo dos Autores

2.

Arquivo dos Autores

3.

Arquivo dos Autores

4.

Arquivo dos Autores

5.

Arquivo dos Autores

6.

Arquivo dos Autores

Todas as imagens apresentadas são produções artísticas – objetos, instalações, pintura, grafite – de diferentes épocas, realizadas por artistas visuais brasileiros(as), e possuem, portanto, características diferentes, pois cada artista utiliza materiais, referências e suportes diferentes em suas produções.

Para saber um pouco mais:

A imagem 1 é um detalhe do verso do **objeto** "Manto de Apresentação", produção de Arthur Bispo do Rosário, s.d. Materiais: algodão, lã, linha, papelão e metal, 118,5 × 141,2 cm. Na frente do manto, produzido a partir de cobertor vermelho, são bordadas imagens de variados objetos do cotidiano de Bispo do Rosário, enquanto que no interior do manto aparecem os nomes de pessoas do seu convívio. Parte das produções de Bispo do Rosário estiveram presentes na Bienal de Arte de São Paulo, em 2012. Na internet é possível acessar o programa "De Cá Pra Lá", da TV Brasil, dedicado a Bispo do Rosário. Detalhe da fotografia de Rodrigo Lopes. Fonte: disponível na dissertação de Mestrado de Alda de Moura Macedo de Figueiredo, intitulada "Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus".

A imagem 2 é o registro fotográfico realizado pelo próprio artista, a partir da **intervenção urbana** intitulada "Metabiótica 18", produzida em 2005 por Alexandre Órion. Estas e outras produções do artista estão disponíveis no site do Itaú Cultural. Fonte: Reprodução fotográfica arquivo do artista.

A imagem 3 é uma **fotografia** de parte da calçada de pedras portuguesas do Palácio do Campo das Princesas, localizado na cidade do Recife – PE. Fonte: Catálogo da Exposição Tatuagens Urbanas.

A imagem 4 , é um **objeto** produzido em 1967 pela artista Carmela Gross, intitulado "Nuvens". Produzida com esmalte sintético sobre aglomerado, o trabalho possui as seguintes dimensões: 152 X 241 X 224 cm e foi doado pela artista para o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Fonte: Imagem disponível no *site* da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A imagem 5, **pintura** óleo sobre tela, com dimensões 115,5 x 96,5 cm e intitulada "Empinando Pipa", da artista Djanira da Motta e Silva, foi produzida em 1950 e faz parte do acervo do Banco Itaú, São Paulo, SP. Fonte: reprodução fotográfica de Sérgio Guerini, disponível no site do Itaú Cultural.

A imagem 6 faz parte da **instalação** da artista contemporânea Marilá Dardot, que propõe com seu trabalho a participação do espectador, que é convidado a interagir com o trabalho da artista, plantando, formando palavras, (re)construindo a produção continuamente. Intitulada "A origem da obra de arte", a instalação faz parte do acervo do Instituto Inhotim foi produzida em 2002 e consta de 150 vasos de cerâmica em formas de letras, terras, sementes, materiais para jardinagem. Fonte: imagem disponível no site da artista, <http://www.mariladardot.com>.

Estes e outros importantes museus brasileiros possuem um rico acervo disponível para consulta pela internet. Experimente navegar e aprofundar suas pesquisas.

Objeto, instalação, intervenção urbana e pintura são compreendidas como modalidades artísticas, assim como a escultura, a performance, a gravura, o grafite, a fotografia.

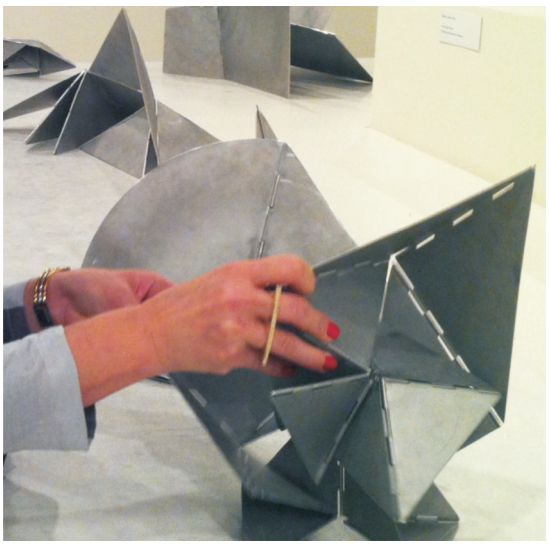
Antes de aprofundar nossas leituras no que se refere ao ensino das Artes Visuais, que tal conversar sobre possíveis maneiras de nos apropriar destas e de outras imagens em nossas aulas?

Pressupostos contemporâneos para o ensino das Artes Visuais

Uma vez que estamos atentos quanto à historicidade do ensino das Artes Visuais, discutida no Texto 1, buscamos agora encontrar as respostas para as questões acima.

De um lado, assumimos como pressuposto que Arte se ensina e se aprende. De outro, pensar o ensino das Artes Visuais numa perspectiva contemporânea exige de nós um esforço para superarmos o pensamento recorrente de que Arte só pode ser realizada por pessoas que possuem um dom ou de que somente alguns privilegiados são capazes de dominar o saber erudito acessível.

Além disso, chamamos atenção para os diferentes espaços em que podemos encontrar produções artísticas: nas ruas, nos muros, na arquitetura, nas roupas, nos acessórios que usamos, e também nos diferentes espaços expositivos. Sendo assim, é possível dizer que o conhecimento nas Artes Visuais decorre da interação que estabelecemos com diferentes tipos de produções e, quando tratamos de produções artísticas contemporâneas, cada vez mais somos instigados a usar diferentes sentidos, não nos limitando, portanto, aos estímulos visuais. Sobre isso, a série "Bichos", produzida a partir de placas de metal e dobradiças, de Lygia Clark e os "Parangolés", de Helio Oiticica constituem-se como referências deste tipo de produção na arte brasileira. Vejamos abaixo:



Arquivo dos Autores

Interação com reproduções da série "Bichos", na exposição "Lygia Clark: uma retrospectiva", promovida em 2012 pelo Itaú Cultural – São Paulo. Fonte: arquivo dos autores.

Arquivo dos Autores

Hélio Oiticica, "Parangolé" P4 capa 1, 1964, (acrílica sobre tecido, plástico, filó de algodão, tela de nylon e cordão). Projeto Hélio Oiticica, Rio de Janeiro. Fonte: imagem disponibilizada no *site* da Editora Cosac Naif: <http://www.cosacnaify.com.br/>.

Lygia Clark é uma importante artista brasileira que nasceu em 1920, na cidade de Belo Horizonte – MG. Já Hélio Oiticica nasceu em 1937, no Rio de Janeiro. Estes artistas, nascidos no auge do Modernismo Brasileiro – importante marco da

Arte Brasileira – extrapolam a ideia de visualidade quando propõem produções que pedem a interação do outro, pois os espectadores, em seus trabalhos, deixam de ser observadores passivos e são convidados a participar da obra. Para saber um pouco mais sobre estes artistas brasileiros, faça uma pesquisa nos sites criados para dar visibilidade à obra e vida de Lygia Clark e Hélio Oiticica e veja os documentários disponíveis na internet.

Assim, partindo dos pressupostos acima, a grande questão para nós é pensar que conteúdos curriculares e práticas contribuem para que as crianças ampliem as aprendizagens sobre a realidade vivida no mundo contemporâneo de forma crítica e sensível na escola?

Numa perspectiva contemporânea, estes conteúdos curriculares e práticas tomam como eixos orientadores as três ações – ler, fazer e contextualizar – que compõem a Abordagem Triangular, sistematizada pela estudiosa do campo da Arte-Educação, Ana Mae Barbosa[9] e discutida em vários dos seus livros, além de ser apresentada nos "*Direitos de Aprendizagem: componente curricular Arte*", publicado em 2012.

Ainda destacamos mais uma vez que o ler, o fazer e o contextualizar não se constituem como uma fórmula ou modelos que indicam a melhor regra para a ordem de trabalhar com estas ações na sala de aula, que engessa a ação do professor, visto que o ponto de partida pode derivar de qualquer uma das ações indicadas que toma como princípio os objetivos a serem trabalhados, a necessidade do conteúdo, da temática a ser abordada, e até mesmo as questões trazidas pelo próprio grupo de alunos. Vejamos abaixo as possibilidades elaboradas a partir da contribuição de Rizzi[10] (2008, p. 338):

Sequência 1	Ler imagens	Fazer	Contextualizar
Sequência 2	Fazer	Ler imagens	Contextualizar
Sequência 3	Contextualizar	Fazer	Ler imagens
Sequência 4	Ler imagens	Contextualizar	Fazer
Sequência 5	Contextualizar	Ler imagens	Fazer
Sequência 6	Fazer	Contextualizar	Ler imagens

A seguir, apresentaremos reflexões para pensar a leitura de imagens, a contextualização e o fazer, mas desde já ressaltamos que estas ações geralmente acontecem de forma simultânea na sala de aula.

[9]Barbosa (1998, 2002, 2010), em vários dos seus estudos, discute um ensino de Artes Visuais contemporâneo, com os quais nos apoiamos ao longo deste texto.

[10]Destacamos que Rizzi (2008) utiliza a palavra "Apreciar" quando trata da ação pertinente às quatro linguagens da Arte – Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. No entanto, quando se refere às Artes Visuais, esta ação pode ser entendida como leitura de imagens, conforme a autora utiliza ao longo do seu texto.

Como e o que se trabalha com a leitura de imagens? O que significa a contextualização? O que falamos quando argumentamos o fazer enquanto ação importante para a prática do ensino das Artes Visuais? Quais as práticas artísticas possíveis na escola?

Ao trabalhar a ***leitura de imagens*** é importante lembrar que as imagens são textos que podem ser lidos de diferentes maneiras, atreladas ao exercício de interpretação e compreensão possíveis a partir das experiências e conhecimentos dos alunos. Isso quer dizer que é possível realizar diferentes leituras de textos visuais (imagens) tendo como base os conhecimentos sobre diferentes tipos de produções de diferentes culturas, épocas, lugares.

Assim, ver uma imagem pode suscitar inúmeras possibilidades de aprendizado de conteúdos do campo das Artes Visuais, por exemplo: primeiro, compreender se trata-se de uma imagem figurativa ou abstrata; segundo, se é uma (re)produção de um trabalho bidimensional ou tridimensional; terceiro, se trata-se de uma pintura, desenho, gravura, fotografia, colagem, instalação, grafite, escultura, dentre outras possibilidades de produções ou gêneros artísticos; além de considerar igualmente importantes as leituras que cada aluno pode elaborar, com base em suas experiências pessoais.

Ainda sobre a leitura de imagens, a reflexão de Pillar nos esclarece um pouco mais, vejamos:

> Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos (PILLAR, 2001, p.12).

Ora, o que está atrás dos nossos olhos inclui não só conhecimentos adquiridos na nossa própria experiência, mas também saberes. É isto o que entendemos por contextualização, ou seja, a ***contextualização*** refere-se aos diferentes aspectos que circundam a imagem, temática ou o conteúdo a ser trabalhado. Logo, nos permite entender valores, significados, tradições e histórias que envolvem a imagem ou até mesmo a temática que vem sendo tratada pela mesma.

Destacamos que existem práticas que tomam como ênfase datas, lugares e acontecimentos históricos, isso também são importantes e são conteúdos curriculares que podem ser explorados nas práticas com o ensino das Artes Visuais. Mas, a contextualização não se encerra nesses aspectos que acabam por exigir também a necessidade de aprofundar as leituras em conhecimentos que envolvem a história e a crítica da arte, além dos contextos culturais, políticos, sociais, tecnológicos, estéticos da produção artística. Isso nos indica que na contextualização são contempladas as ideias, conexões e relações formuladas que possam ampliar os conhecimentos dos alunos a partir do que está sendo estudado, tecendo uma rede de saberes entre o contexto da criança e o contexto da imagem/movimento/conteúdo/temática/artista trabalhado.

Assim, explorar as possibilidades de diálogo e de confronto de ideias por meio de roda de conversa, pequenos debates com as crianças, são alternativas para trabalhar a contextualização e a leitura de imagens em nossas salas de aulas e avançarmos nas práticas, nos distanciando da verborragia tão criticada por Paulo Freire.

Ao conhecer o contexto da imagem, o aluno poderá estabelecer relações mais profundas com a produção em estudo, possibilitando-lhe intervir e reinventar a sua própria produção. Igualmente importante, é a possibilidade de dialogar com outras imagens, proporcionando conexões entre diferentes produções. Mas ainda é preciso entender que a produção está sempre ligada a diferentes contextos que envolvem quem a produz – seja histórico, político, cultural ou social –, e quem a aprecia e produz novos sentidos. Com isso estamos querendo dizer que a produção vincula-se também a acontecimentos, convicções, valores, histórias de vidas, estudos que o artista pesquisa e expressa, nos dando pistas sobre sua visão de mundo.

Para ampliar nossas possibilidades de trabalhar a contextualização em nossas aulas a partir de determinadas temáticas, estudos de alguns artistas ou de conteúdos do campo das Artes Visuais, podemos contar com os livros que fazem parte do Acervo Complementar do Plano Nacional do Livro Didático. Veja algumas recomendações na seção Para Aprender Mais.

O ***fazer***, como ação da Abordagem Triangular, compreende a ressignificação do objeto visual e criação tendo como base as ideias extraídas pelo aluno, na qual ele se apropria das discussões acerca de determinada temática em estudo, dos conceitos, formas e significados das imagens analisadas e das discussões feitas, ou também das aprendizagens fomentadas pela contextualização. Isso nos leva a entender que a produção artística realizada pode ser fruto do diálogo entre as ações trabalhadas, dos diferentes textos visuais encontrados na sociedade, das reflexões produzidas em estudos e pesquisas, auxiliando a criação a partir da exploração de diferentes tipos de materiais e suportes, como por exemplo: tintas fabricadas ou tintas caseiras, lápis de colorir, giz de cera, carvão, argila, papéis de diferentes tamanhos (A1, A2, A3, A4), tipos (jornal, sulfite, couchê, dentre outros) e gramaturas (papéis mais leves ou mais pesados), espessura (papéis mais finos ou mais grossos), além de materiais reutilizáveis.

Dialogando com uma experiência no ciclo de alfabetização: como as ações da Abordagem Triangular podem ser exploradas?

Após refletirmos sobre as ações da Abordagem Triangular, vamos conhecer um pouco mais sobre como estas ações foram exploradas em uma experiência com crianças. Mas desde já destacamos que trata-se apenas de um recorte de uma experiência vivenciada, e não pretende se constituir como modelo, outras tantas vivências podem e devem ser experimentadas em salas de aulas, o que vai depender

dos nossos objetivos e da forma como organizaremos nossas ações. O importante é dizer que pretendemos apenas apontar possibilidades pedagógicas a partir das vivências revisitadas.

Em nossas experiências, atuando com crianças de 5 a 7 anos, percebemos a necessidade de os alunos conhecerem a estrutura e organização da cidade, a partir da observação de onde vivem, para melhor entenderem o meio onde estavam inseridos. Assim, construímos o projeto "Na Trilha da Cidade", tendo como base alguns objetivos específicos, destacados abaixo:

- Despertar a motivação e o senso crítico para entender a organização e a estruturação da cidade.
- Reconhecer, por meio de leituras de imagens, as semelhanças e diferenças existentes entre a capital onde vivem e as cidades do interior do Estado de Pernambuco.
- Conhecer e refletir sobre a estrutura e organização da cidade fazendo uma correspondência entre a cidade real e a cidade ideal.

Nas aulas de Artes Visuais, o projeto teve início pela contextualização, quando, em uma roda de conversa, discutimos sobre as características da cidade em que vivemos e as mudanças necessárias para um crescimento organizado. Os alunos falaram da violência no trânsito e nas ruas, da limpeza urbana, dos serviços básicos necessários, comentaram sobre os diferentes tipos de moradias e transportes, de como seria melhor se todos entendessem a importância da preservação local. Ao final da aula pesquisaram em revistas e jornais imagens de meios de transporte e diferentes tipos de moradias.

Nos encontros subsequentes, fizemos um passeio pelo bairro, observamos a arquitetura local, com diferentes tipos de casas, prédios, igreja, além de percebermos que algumas ruas estavam em melhores condições do que outras. Também visitamos o rio que passa atrás da escola e, naquele momento, alguns alunos lembraram quando falamos da falta de preservação discutida na roda de conversa inicial.

Ao voltarmos para a escola, fizemos uma roda de conversa e nesse momento, algumas crianças destacaram que viram casas bem antigas e que acharam a "igreja velha". Aproveitamos para discutir um pouco sobre a história daquelas construções e do período em que foram realizadas. Em seguida, as crianças puderam registrar com desenhos tudo o que foi visto pelo bairro e que eles consideraram importante[11].

Para dialogar com esse tema, escolhemos o estudo do pintor nascido na Itália, mas que veio morar no Brasil com 1 ano de idade, Alfredo Volpi, então mostramos diversas imagens de reproduções de pinturas do artista. Os alunos se encantaram ao ver algumas obras e ao descobrir sobre a têmpera, tinta explorada por Volpi, produzida a base de gema de ovo, óleo de cravo e corantes. Logo, as crianças motivaram-se para realizar uma pintura utilizando este material.

[11]Percebam que neste momento, a leitura de imagens, a contextualização e o fazer estão em conexão.

Esquina, Centro de São Paulo, déc. 1930. Óleo sobre tela colada sobre cartão, 39 x 49 cm. Fonte Itaú Cultural.

Vista de Itanhaém, déc. 1940. Têmpera sobre tela, 45 x 76 cm. Fonte Itaú Cultural.

Aqui vocês podem perceber que a própria história da arquitetura e a observação realizada no passeio foi uma forma encontrada para explorar o olhar para o local onde vivem.

Mas também é possível explorar outras produções das visualidades contemporâneas ou de artistas da sua localidade para iniciar o diálogo entre o local, o regional, o nacional e o global.

Ao realizarmos a *leitura das imagens* acima, apresentamos o título das pinturas, falamos sobre as técnicas, o ano em que foram produzidas. Fizemos algumas

perguntas, como por exemplo: O que vocês veem? Que lugar pode ser esse? Vocês já viram casas parecidas com essas em algum lugar? Nesse momento alguns alunos lembraram que a imagem *Esquina, Centro de São Paulo*, parecia com uma rua que tinhamos passado em nossa caminhada pelo bairro. Já outro aluno, destacou que na segunda imagem aparece um mar ao fundo e que até barquinhos podem ser vistos.

Ao mesmo tempo, outras crianças destacaram que também se pareciam com casas do interior. Nesse momento, discutimos as semelhanças e diferenças existentes entre a arquitetura registrada pelo artista, as cidades do interior do Estado conhecidas por alguns alunos e a cidade onde vivem.

Também em nossas rodas de conversa, ao trabalhar um pouco mais a *contextualização*, contamos para as crianças como foi o processo de construção da identidade do artista[12] e como era a vida na sua época, realizando uma comparação com os dias atuais.

Outras leituras de imagens também fizeram parte deste projeto, a exemplo das citadas abaixo:

Casario de Mogi das Cruzes, déc. 1950. Têmpera sobre tela, 116 x 190 cm. Coleção Particular. Fonte Itaú Cultural.

Fachada com Bandeirinhas, déc. 50. Têmpera sobre tela, 73 x 116 cm. Coleção Particular. Fonte Itaú Cultural.

[12]É possível conhecer a história e as obras desse importante artista ítalo-brasileiro a partir de pesquisas na internet, para isso, entre em site de buscas e de compartilhamento de vídeos.

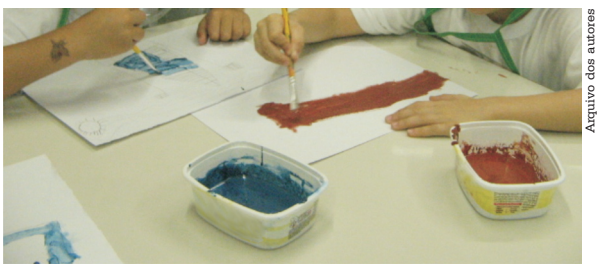
Com a leitura das imagens acima observamos as características e os temas, pois as crianças de imediato reconheceram-se na pintura de Volpi pela proximidade e identificação com um símbolo da cultura local durante os festejos juninos e que se tornou elemento constante, mas não único, das produções de pintura do artista, as "bandeirinhas".

No que se refere ao *fazer*, os alunos realizaram produções bidimensionais criando desenhos da cidade onde vivem, dos locais preferidos, utilizaram recortes de figuras geométricas e de bandeirinhas para elaborar composições envolvendo colagem.

O envolvimento com o projeto proporcionou aos alunos perceberem também a necessidade de parques e praças, da coleta seletiva essencial para a preservação do meio ambiente, da sinalização indispensável para a harmonia no trânsito e do comércio e segmentos com os respectivos representantes. Isso nos levou a realizar produções tridimensionais utilizando materiais expressivos e/ou reutilizáveis, como caixas de diversos tamanhos, rolos de papel, pedaços de madeiras, para a confecção de uma maquete da cidade ideal, explorando as formas geométricas e destacando os serviços essenciais para a sociedade. Esta maquete foi sendo construída gradativamente, a cada nova intervenção e percepção dos alunos por meio da reflexão e observação da cidade onde viviam.

Por fim, os alunos sugeriram a produção da tinta utilizada por Alfredo Volpi. Participaram ativamente do preparo da têmpera e descobriram ludicamente como pode ser prazeroso produzir e utilizar sua própria tinta a partir de materiais simples. E ainda registraram tudo isso na produção de um texto coletivo! Vejamos alguns desses registros abaixo:

Arquivo dos autores



Arquivo dos autores

Arquivo dos autores

Vejamos agora o texto coletivo produzido pela turma:

Texto coletivo produzido pelas crianças.

Alfredo Volpi nasceu na Itália e veio morar no Brasil, ainda pequeno, na cidade de São Paulo.

Com 12 anos, ele começou a trabalhar em uma marcenaria, que é um lugar onde se trabalha com madeira. Depois, ele foi trabalhar como pintor de paredes e fazia desenhos.

Começou a pintar quadros e gostava de pintar casas do interior. Nesse período, ele descobriu uma tinta chamada têmpera, que é feita de ovo.

Para preparar a têmpera, precisamos de ovo, óleo de cravo e pigmentos coloridos. Primeiro, quebramos o ovo e separamos a clara da gema. Depois, colocamos a gema na peneira para retirar a pelinha e o cheiro de ovo, acrescentamos o pigmento e misturamos bem.

Ao final, pingamos gotas de óleo de cravo para ajudar a retirar o cheiro do ovo e para não estragar.

Nós fabricamos a têmpera e achamos legal. Gostamos de preparar a tinta igual a Alfredo Volpi e a gente pintou, no papel, casas com as cores amarelo, azul, verde e vermelho e descobrimos como é legal pintar "igual" a Alfredo Volpi.

Mas o projeto não se limitou às Artes Visuais: numa perspectiva interdisciplinar dialogou com outros campos de conhecimento, como a Matemática, História e Ciências. Nas aulas de Matemática, por exemplo, as leituras de imagens trouxeram desdobramentos para iniciar o trabalho de percepção e exploração de formas geométricas. Já nas aulas de História as crianças trabalharam importantes profissões e, a partir da própria imagem, criaram personagens para participar de atividades de "faz de conta", onde vivenciaram e conheceram o trabalho de cada representante dos principais setores da cidade como: escola, delegacia, hospitais, limpeza urbana, prefeitura. E nas aulas de Ciências foi possível explorar os cuidados necessários ao meio ambiente, aspecto percebido quando visitamos o rio, e assim, passamos a discutir a coleta seletiva e a importância da preservação do meio ambiente. É importante destacar que este trabalho com outros componentes curriculares não está sendo explorado aqui, mas ele foi feito na escola e pode ser feito com outras crianças e outros professores, com cada um se detendo mais naqueles conteúdos com os quais lida com mais facilidade, sem deixar de explorar – e aprender junto com as crianças – aqueles nos quais ainda não possui um bom aprofundamento.

Ao final do projeto, realizamos uma exposição aberta para toda a comunidade, que aconteceu em uma sala da escola, onde o visitante percorria um caminho que o levava a todos os personagens da cidade criados pelos alunos e as produções bidimensionais e tridimensionais realizadas durante o bimestre. Assim o visitante percebia durante o trajeto os conteúdos curriculares estudados e áreas do conhecimento contempladas no espaço expositivo.

O relato acima deixa claros algumas escolhas, as motivações, os modos como cada ação da *Abordagem Triangular* foi trabalhada com as crianças, levando-as a conhecer um pouco mais sobre o lugar onde vivem e a construir pontes com outros conhecimentos, nos deixando pistas para pensar outras possibilidades de atuar neste campo.

Agora, ao encerrar esse texto, algumas questões sobre a avaliação para nossas reflexões: é possível avaliar em Artes Visuais? O que você pensa sobre isso? Como você avalia?

Para falar nesse assunto, em primeiro lugar, lembramos que ainda é bem comum entre nós a ideia de que Arte não se avalia, da avaliação tomando como critério a "participação em aula", ou ainda, de que ao avaliar em Artes Visuais temos que tomar como referência um determinado padrão de beleza, por exemplo, o cânone clássico, ou então, tomar como referência o próprio gosto. Muitas vezes algumas produções são "bonitas" para nós, mas não para outras pessoas, além disso não podemos esquecer que os padrões de beleza são históricos, diferentes em cada época.

Na perspectiva que discutimos neste Caderno, entendemos que avaliar, no campo das Artes Visuais, requer várias formas de análise do que foi trabalhado, dos objetivos, das etapas vivenciadas ao longo do processo.

Ao tomarmos as sugestões sobre avaliação trazidas pelo "*Caderno de Avaliação no Ciclo de Aprendizagem: reflexões e sugestões*", publicado em 2012, entendemos que "se faz necessário o registro do acompanhamento das aprendizagens dos alunos, para que o professor possa verificar os avanços e as dificuldades" (p. 33). Outro importante aspecto também destacado nesse material refere-se ao diálogo e clareza entre o que foi proposto e o que foi alcançado de forma individual pelas crianças, tentando olhar para diferentes aspectos: no caso do ensino das Artes Visuais, por exemplo, podemos considerar as etapas do processo, os diferentes modos como as crianças se apropriam de cada ação trabalhada, a leitura de imagens, a contextualização e o fazer.

Para isso, as anotações realizadas pelo professor e a organização prévia de portfólios contendo os registros de cada criança, podem ser importante instrumento para revisitar tudo o que foi trabalhado durante a unidade, o período, o projeto.

Voltando ao relato do projeto "Na Trilha da Cidade" destacado acima, a avaliação deu-se da seguinte forma: durante a unidade foram realizados alguns registros fotográficos e anotações no "diário de bordo" das observações e questões levantadas

pelos alunos, fazendo com que o trabalho fosse sendo construído respeitando-se a velocidade das proposições e das produções de cada um. Essas anotações permitiram realizar uma avaliação do processo, com base na observação detalhada do envolvimento de cada aluno nas produções individuais e coletivas com o tema trabalhado, como por exemplo, do modo como cada um se apropriou dos conteúdos durante as rodas de conversa, ou ainda na produção e construção do texto coletivo, também nos modos como exploraram a produção da têmpera e elaboraram suas produções de desenho a partir de tudo o que observado na aula de campo.

Ao final deste texto, entendemos que os caminhos apontados são possibilidades pedagógicas de desenvolver o ensino das Artes Visuais de forma processual, coletiva, dialógica, crítica, portadora de conhecimentos. Isso exigirá de você o investimento em outras leituras que não se encerram neste Caderno, outras formações continuadas sempre trarão contribuições para ampliar seu olhar para o ensino das Artes Visuais na escola, a partir das pistas registradas nesse texto sobre o trabalho com este campo de conhecimento no Ciclo de Alfabetização.

Atentem para os direitos específicos de aprendizagem em Artes Visuais, mas não esqueça que estes eixos fazem parte de um sistema aberto e dialogal, não são ações estanques, ao contrário, acontecem de forma articulada.

Direitos específicos de aprendizagem em Artes Visuais

Objetivamos que os alunos aprendam a		
Eixo Contextualizar	**Eixo Leitura de Imagens**	**Eixo Fazer**
Compreender as Artes Visuais como uma atividade de produção de conhecimento com vinculação estética que sofre influência do contexto histórico, social, cultural, político no qual ela foi produzida.	Entrar em contato com diferentes imagens da arte, do cotidiano, da mídia, imagens em movimento, produções bidimensionais ou tridimensionais, produzidos em diferentes espaços, momentos históricos, culturas.	Vivenciar atividades artísticas que explorem a percepção estética a partir do diálogo interdisciplinar da arte com diferentes áreas de conhecimentos e com as visualidades contemporâneas local, nacional e internacional.
Reconhecer diferentes fontes de produção artística em sua comunidade local, estabelecendo relações com as produções da cultura nacional e internacional.	Conhecer fontes vivas da cultura local, estabelecendo relações com outras fontes de conhecimentos que circulam na sociedade em que vive.	Formular textos visuais a partir do acesso a fontes vivas de produção de Artes Visuais.
Perceber o diálogo entre as produções artísticas de diferentes artistas, estilos, épocas e culturas.	Identificar a diversidade estética, artística, étnico-racial e de gênero em diferentes produções artístico-culturais.	Produzir texto artístico-visual, estabelecendo diálogo com obras e com conhecimentos produzidos em diferentes áreas de saber.

Estabelecer relações entre o texto visual a ser lido com o contexto social e cultural em que a obra ou o evento artístico está inserido.	Reconhecer produções de Artes Visuais que inspiram outras produções, localizando diferenças entre a versão original, a releitura e a cópia.	Vivenciar o processo de organização de uma exposição ou organização de um painel.
Verbalizar, por meio da descrição, sobre os elementos que promovem a interpretação de um texto visual.	Ler diferentes textos visuais em visitas a museus, galerias, feiras, ruas, festivais, livrarias, bibliotecas, centros históricos, culturais e no cotidiano da cidade.	Representar ideias, fatos, conhecimentos, por meio da produção de imagem que assuma a linguagem artística visual.
Conhecerm, pessoalmente ou por meio de relatos, contação de histórias, leituras de livros, filmes, diferentes artistas visuais de diferentes épocas, culturas, contextos.	Reconhecer o tema e o propósito comunicativo dos textos visuais no processo de análise e interação com uma produção de Artes Visuais.	Elaborar composições artísticas, utilizando, elementos de composição visual, explorando diferentes recursos materiais e suportes variados.
	Reconhecer o tema e o propósito comunicativo dos textos visuais no processo de análise e interação com uma produção de Artes Visuais.	
	Identificar os diferentes elementos que compõem uma produção artística (pontos, linhas, formas, cores, texturas, volume, luz, sombra), suas modalidades (pintura, desenho, escultura, instalação, gravura, fotografia, dentre outras) e, no caso de pintura, seus gêneros (retrato, paisagem, natureza morta), a fim de reconhecer como esses elementos se articulam.	Experimentar diferentes tipos de produção: bidimensional ou tridimensional, figurativas ou abstratas.
	Saber identificar e diferenciar uma produção figurativa de uma produção abstrata.	

Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A Heterogeneidade em Sala de Aula e os Direitos de Aprendizagem no Ciclo de Alfabetização. Ano 02. Unidade 07. Brasília: MEC/SEB, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In.: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da Arte**: Memória e História. São Paulo: Perspectiva, 2008.